

Queixas de saúde em professores universitários e sua relação com fatores de risco presentes na organização do trabalho

Emilse A.M. Servilha*
Máryam de P. Arbach**

Resumo

Introdução: Os fatores de risco organizacionais podem comprometer a saúde de docentes pela especificidade das atividades que desempenham. Nessa perspectiva, o objetivo desta pesquisa é investigar a relação entre condições organizacionais do trabalho e queixas de saúde em professores universitários. **Material e Método:** 85 professores, nas modalidades tempo integral (TI) e horistas (HO), responderam a um questionário com informações pessoais, profissionais e de saúde. Cada risco ocupacional foi analisado nos dois grupos e correlacionado com os problemas de saúde por meio da análise estatística. O nível de significância foi de 5%. **Resultados:** Na relação entre organização de trabalho e saúde foi significativo, no grupo TI, carregar peso e alteração vocal ($p=0,008$); indisciplina em sala de aula e doença osteoarticular ($p=0,049$). No grupo HO mostraram associação positiva: supervisão constante ($p=0,017$) e carregar peso com frequência ($p=0,04$) com queixa osteoarticular; supervisão constante ($p=0,004$) e local inadequado para descanso ($p=0,028$) com queixa de alteração vocal; carregar peso com frequência ($p=0,026$), estresse no trabalho ($p=0,046$) e indisciplina em sala de aula ($p=0,004$) com queixas emocionais; interferência dos fatores ambientais na vida pessoal e na saúde ($p=0,003$) com distúrbios auditivos. **Conclusões:** Os fatores de risco como carregar peso, indisciplina em sala de aula, supervisão constante, local inadequado para descanso e estresse no trabalho precisam ser equacionados, devido à sua associação com queixas vocais, osteoarticulares, emocionais e auditivas. O fonoaudiólogo pode assessorar na preservação vocal e indicar mudanças que tornem o trabalho mais salutar.

Palavras-chave: saúde do trabalhador, docentes, esgotamento profissional, voz, distúrbios da voz.

Abstract

Introduction: The aim of this research is to investigate the relationship between the work organizational conditions and the resulting health complaints in teachers. Also taken in account are some existing organizational risk factors that may compromise the health and performance of teachers in specific activities. **Material and Methods:** 85 teachers, full time (FT) and hourly (HO), answered a questionnaire with personal, professional and health information. Each occupational risk in both groups was analyzed and correlated with health problems through statistical analysis. The significance level was 5%. **Results:** The relationship between work organization and health was significant in the FT group, carrying weight and vocal dysfunction ($p=0.008$), discipline problems within the classroom,

* Docente da Faculdade de Fonoaudiologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. ** Graduanda em Medicina pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Bolsista de Iniciação Científica FAPIC/Reitoria.

and osteoarticular disease ($p = 0.049$). The HO group showed a positive association between: constant supervision ($p = 0.017$) and often carrying weight ($p = 0.04$) with osteoarticular complaints, constant supervision ($p=0.004$) and inappropriate location for rest ($p = 0.028$) with vocal complaints, often carrying weight ($p=0.026$), job stress ($p=0.046$) and discipline problems within the classroom ($p=0.004$) with emotional complaints; interference of environmental factors in personal life and health ($p=0.003$) with hearing disorders. **Conclusions:** Risk factors such as heavy weight lifting, lack of discipline in the classroom, constant supervision, inappropriate location for rest and stress in the workplace need to be addressed and solved because of its associations with vocal, osteoarticular, emotional and hearing complaints. Additionally, a speech therapist would be able to assist with the preservation of voice and indicate changes that make work and the workplace healthier.

Keywords: occupational health, faculty, burnout, professional, voice, voice disorders.

Resumen

Introducción: Los factores de riesgo organizacionales pueden comprometer la salud de docentes por la especificidad de las actividades que desempeñan. El objetivo de este estudio es investigar la relación entre condiciones organizacionales del trabajo y quejas de salud en profesores universitarios. **Material y Método:** 85 profesores, en las modalidades jornada completa (TI) y horistas (HO), respondieron un cuestionario con informaciones personales, laborales y de salud. Cada riesgo ocupacional fue analizado en ambos grupos y correlacionado con los problemas de salud por medio de análisis estadístico. El nivel de significancia fue 5%. **Resultados:** En la relación entre organización de trabajo y salud fue significativo, en el grupo TI, cargar peso y alteración vocal ($p=0,008$); indisciplina en clase y enfermedad osteoarticular ($p=0,049$). En el grupo HO mostraron asociación positiva: supervisión constante ($p=0,017$) y cargar peso con frecuencia ($p=0,04$) con queja osteoarticular; supervisión constante ($p=0,004$) y local inadecuado para descanso ($p=0,028$) con queja de alteración vocal; cargar peso con frecuencia ($p=0,026$), estrés en el trabajo ($p=0,046$) e indisciplina en clase ($p=0,004$) con quejas emocionales; interferencia de los factores ambientales en la vida personal y en la salud ($p=0,003$) con disturbios auditivos. **Conclusiones:** Los factores de riesgo como cargar peso, indisciplina en clase, supervisión constante, local inadecuado para descanso y estrés en el trabajo precisan ser ponderados, debido a su asociación con quejas vocales, osteoarticulares, emocionales y auditivas. El fonoaudiólogo puede asesorar en la preservación vocal indicando acciones que tornen el trabajo más saludable.

Palabras claves: salud laboral, docentes, agotamiento profesional, voz, trastornos de la voz.

Introdução

Condição de trabalho refere-se aos aspectos do ambiente que, por sua intensidade ou concentração elevada, podem interferir no corpo do trabalhador e gerar doenças. A organização do trabalho inclui a divisão de tarefas e das pessoas; nessa última encontram-se as relações humanas que envolvem a execução do trabalho, as quais podem ser malélicas quando alteram o funcionamento mental do trabalhador, levando-o ao sofrimento e a doenças mentais¹.

Pesquisas sobre saúde de professores têm sido realizadas, predominantemente, em escolas de

Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio, pela frequência e intensidade de fatores de risco a que estão expostos esses docentes.

As queixas dos docentes referem-se ao ambiente de trabalho como ruído², acústica ruim³, iluminação precária⁴, e aspectos organizacionais como pouca autonomia, fiscalização da direção, pouco tempo para o preparo das aulas, violência na escola, material de trabalho insuficiente e/ou inadequado^{5,6,7}.

Os resultados das pesquisas mostram que esses fatores de risco têm comprometido a saúde dos professores, causando-lhes problemas musculoesqueléticos, como dores nas pernas e costas⁸,

mentais^{2, 9, 10, 11}, vocais^{12, 3, 13} e respiratórios^{9, 11}, dentre outros, com repercussões sobre a qualidade de vida¹⁴.

Em contrapartida, menos estudos são feitos com professores do ensino superior, o que pode dever-se ao fato de serem considerados profissionais de elite da educação, e dessa forma, com boas condições organizacionais e ambientais de trabalho. Contudo, as mudanças ocorridas durante os últimos 20 anos na organização do trabalho das universidades trouxeram como consequência maior carga psicológica para os docentes, com exigências laborais diversas, tanto aquelas inerentes à própria docência, quanto outras relativas à competitividade e reconhecimento no meio acadêmico. A patologia do professor transcende ao notório *Burnout* e aos aspectos psicossociais, pois há uma multiplicidade de riscos a que os docentes estão expostos como problemas posturais, uso excessivo da voz, problemas derivados do uso exagerado do computador, problemas circulatórios, exposição a agentes físicos e químicos, entre outros¹⁵.

As queixas mais frequentes se relacionam com o estresse e o desenvolvimento da Síndrome do *Burnout*^{10, 15}, devido à insatisfação com o volume de trabalho e grau de estabilidade no emprego¹⁶. A relação entre os aspectos psicossociais do trabalho e efeitos sobre a saúde também tem sido identificada em situações de trabalho de alta exigência¹⁷.

Sousa e Mendonça¹⁸ realizaram um estudo, em uma universidade privada do Centro Oeste do Brasil, para analisar o comprometimento organizacional afetivo dos docentes com a instituição. Identificaram que, quando o docente possui afeto pela universidade e se sente injustiçado pela distribuição dos recursos por ela, há possibilidade de se desenvolver exaustão emocional.

Em relação à organização do trabalho, Leite et al¹⁹ verificaram que a insatisfação dos docentes estava intimamente relacionada com as condições das salas de aula, considerando seu tamanho inadequado, assim como os recursos audiovisuais e a iluminação. A insatisfação também se observou nos quesitos de permanecer em pé, escrever em quadro de giz, carregar material didático e audiovisual e ausência de local para repouso. Os problemas no trabalho que atingem esferas pessoais e sociais foram os geradores de estresse como: realização de tarefas de alto grau de dificuldade, esperar pelo trabalho de outros setores, apoio da chefia para realização do trabalho.

Na pesquisa de Silvério et al²⁰, a satisfação no processo ensino-aprendizagem por professores foi referida com as seguintes palavras: flexibilidade, liderança e disponibilidade, e que excesso de horas de trabalho e falta de tempo são fatores estressantes que interferem na qualidade de vida.

Queixas de saúde de ordem vocal e osteomuscular foram relatadas por Araújo e Carvalho¹⁷ e as musculoesqueléticas as mais reportadas na pesquisa de Marqueze e Moreno¹⁶. Quadros gripais constantes, além de enxaquecas, crises hipertensivas, estados depressivos e problemas dermatológicos também são citados por Silvério et al²⁰ e Servilha e Pereira²¹.

Diante disso, há necessidade de investigar professores do ensino superior para conhecer aspectos de sua saúde, ampliando a análise da categoria profissional. Nessa perspectiva, o objetivo desta pesquisa é investigar as condições organizacionais do trabalho e sua relação com queixas de saúde em professores universitários.

Método

Participaram deste estudo epidemiológico do tipo corte transversal, 84 docentes da área da saúde, sendo que 28 deles (33,3%) trabalham em tempo integral (TI) e 57 (66,7%) são horistas (HO). Houve a perda de um sujeito que não identificou seu contrato de trabalho.

No grupo TI, a média de idade do grupo é de 49,6 anos, (mínima de 33 e máxima de 64 anos, mediana 52 e desvio padrão 9, 1). Dos 28 docentes, 20 (71,4%) são do sexo feminino e oito (28,6%) do masculino, 19 (67,9%) são casados, 21 (75%) são doutores e quatro (14,3%) pós-doutores.

No grupo HO, a idade média é de 50 anos (mínima de 32 e máxima de 74 anos, mediana 50 e desvio padrão 10,4). Nesse grupo, 42 (75%) são mulheres e 14 (25%) homens; 41 (73,2%) são casados; e em relação à escolaridade, 25 (44,6%) são doutores, 13 (23,2%) mestres, sete (12,5%) doutorandos e três (5,4%) pós-doutores.

A maioria dos docentes de ambos os grupos, TI e HO, exerce a docência há 21 anos ou mais e são da área da saúde. Mais da metade dos professores TI (67,9%) e HO (51,8%) trabalham apenas na instituição em que se realizou a pesquisa, sendo que todos eles atuam na graduação, desenvolvendo tanto aulas teóricas quanto práticas, o que corresponde, respectivamente, a 92,9% e 89,3% do grupo TI e

89,3% e 78,6% do grupo horista. Os dois grupos diferem entre si no quesito de atuação em pesquisa e extensão, orientação de iniciação científica, mestrado ou doutorado, sendo essas atividades realizadas apenas pelos docentes TI. Grande parte dos professores de ambos os grupos permanecem de 10 a 20 horas semanais com os alunos.

Para a obtenção de dados foi utilizado o questionário Condições de Produção Vocal – Professor (CPV-P), de autoria de Ferreira et al²², composto por questões sobre Identificação, Situação Funcional, Aspectos Gerais de Saúde, Hábitos e Aspectos Vocais. Para a realização deste estudo foram selecionados os seguintes itens do instrumento e suas respectivas questões: Identificação (nome, data de nascimento, estado civil e escolaridade); Situação Funcional (tempo de carreira, número de escolas que já trabalhou/trabalha atualmente, se trabalha em outro local além da escola, tempo de trabalho na universidade e atividades desempenhadas, qualidade do ambiente de trabalho (calmo, bom relacionamento com os colegas de trabalho, alunos e direção), liberdade para planejar e desenvolver as atividades, supervisão constante, ritmo de trabalho, tempo para desenvolver todas as atividades na escola, leva trabalho para casa, local adequado para descanso dos professores e facilidade para se ausentar da sala de aula, adequação dos móveis (lousa, mesa), realização de esforço físico intenso, carregar peso, condição de higiene dos banheiros, produtos utilizados e eventual irritação, material adequado e suficiente para a realização do trabalho, trabalho monótono ou repetitivo, estresse no trabalho, presença de violência e se os fatores ambientais interferem na vida pessoal e na saúde); e Aspectos Gerais de Saúde (problemas digestivos, hormonais, de coluna, dentários, circulatórios, emocionais, respiratórios e de audição. Foi abordada a questão sobre presença ou ausência de alteração vocal como mais um item da saúde).

Os professores tiveram conhecimento da pesquisa por meio de *e-mail* enviado aos mesmos, o qual continha um convite para participarem da pesquisa e um *link* de acesso ao questionário. Os docentes interessados encontravam no local indicado pelas pesquisadoras o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo necessário indicar seu acordo com o mesmo para poder adentrar ao questionário e respondê-lo. Foi oferecida a possibilidade de impressão do referido Termo a todos os docentes. Houve excelente receptividade dos

professores ao formato eletrônico do instrumento e à possibilidade de respondê-lo sempre que houvesse disponibilidade de tempo do professor, sem perda das respostas assinaladas devido ao dispositivo colocado para esse fim. O questionário pôde ser acessado durante o período de três meses.

Do banco de dados, composto pelas respostas de todos os sujeitos de pesquisa às questões do instrumento, os participantes foram identificados e separados em dois grupos: aqueles de tempo integral (TI) e os horistas (HO).

Os dados foram submetidos à análise estatística descritiva para caracterização sócio demográfica dos professores e suas condições organizacionais de trabalho. Em seguida,

procedeu-se à comparação entre os riscos ocupacionais e as queixas de saúde para o grupo TI e para o grupo HO, separadamente, nas variáveis referentes aos fatores organizacionais do trabalho: ambiente de trabalho ser calmo, supervisão constante, ritmo de trabalho estressante, levar trabalho para casa, existência de local adequado para descanso, carregar peso com frequência, considerar o trabalho repetitivo, presença de estresse no trabalho, ocorrência de ameaças ao professor, indisciplina em sala de aula e se os fatores do ambiente de trabalho interferem na vida pessoal ou na saúde. Cada um deles foi correlacionado com os problemas de saúde do tipo auditivos, circulatórios, osteoarticulares, dentários, digestivos, emocionais, respiratórios e vocais. Para tanto, foram aplicados os testes qui-quadrado e Exato de Fisher para relacionar as variáveis pertinentes à organização do trabalho com as queixas de saúde autorreferidas, de modo a fazer sobressair as variáveis significativas. O valor de significância adotado foi de 5%.

Esta pesquisa integra um projeto maior aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos em 12/11/2009, sob nº. 885/09.

Resultados

A comparação entre o grupo no item identificação relativo às variáveis sexo, idade e estado civil não mostraram diferenças significativas. Nesse item, os grupos se distinguiram em relação à escolaridade ($p=0,024$), pois o grupo de professores TI diferiu daquele de HO, apresentando 75% de doutores, enquanto nos HO essa porcentagem é igual a 44,6%. Nos HO, constatou-se 12,5% com

doutorado em andamento e 23,2% de mestres. No que se refere ao pós-doutorado, verificou-se 14,3% no grupo TI e 5,4% no horista.

Quanto à relação entre riscos ocupacionais e

contrato de trabalho, a tabela 1 expõe de forma numérica e percentual os dados obtidos a partir das informações oferecidas pelos professores por meio do questionário.

Tabela 1 – Relação entre risco ocupacional e contrato de trabalho

Risco Ocupacional	Contrato de trabalho				Valor de p
	Tempo Integral		Horista		
	n	%	n	%	
Seu ambiente de trabalho é calmo	22	78,57	47	85,45	0,537
Tem bom relacionamento com os colegas, alunos, direção e instâncias superiores	28	100	56	100	-
Tem liberdade para planejar e desenvolver as atividades	28	100	56	100	-
Há supervisão constante	20	71,43	34	66,67	0,663
O ritmo de trabalho é estressante	27	96,43	46	82,14	0,090
Tem tempo para desenvolver todas as atividades	22	78,57	42	76,36	0,821
Costuma levar trabalho para casa	27	96,43	52	92,86	0,661
Existe local adequado para descanso	11	42,31	23	43,40	0,927
Facilidade para se ausentar da sala de aula	12	48	28	53,85	0,631
O tamanho da sala é adequado ao número de alunos	23	82,14	51	92,73	0,157
Há espaço suficiente para movimentação	26	92,86	54	96,43	0,598
Os móveis são adequados à sua altura	27	96,43	49	87,50	0,259
Esforço físico intenso	13	46,43	16	28,57	0,105
Carrega peso com frequência	20	71,43	28	50,00	0,061
Condição de higiene adequada nos banheiros	28	100	53	94,64	0,547
Os produtos de limpeza causam irritação	1	3,57	2	3,57	1,000
Material adequado para execução do trabalho	27	96,43	54	96,43	1,000
Material suficiente	26	92,86	52	92,86	1,000
Considera seu trabalho monótono	0	0,00	5	8,93	0,164
Considera seu trabalho repetitivo	11	39,29	19	33,93	0,629
O estresse está presente	24	85,71	45	80,36	0,546
Indisciplina em sala de aula	12	42,86	31	56,36	0,244
Os fatores do ambiente de trabalho interferem na vida pessoal ou na saúde	22	78,57	39	69,64	0,387

Teste Exato de Fisher e Teste Qui-quadrado

Tabela 2 – Relação entre aspectos gerais de saúde e contrato de trabalho

Aspectos Gerais de Saúde	Contrato de trabalho				Valor de p
	Tempo Integral		Horistas		
	n	%	n	%	
Problemas Gastrointestinais	13	46,43	26	46,43	1,000
Problemas hormonais	3	10,71	6	11,54	1,000
Problemas Osteoarticulares	15	53,57	17	31,48	0,052
Problemas de Saúde Bucal	6	21,43	11	20	0,879
Problemas Circulatórios	4	14,81	8	14,81	1,000
Problemas emocionais e psiquiátricos	8	29,63	15	28,30	0,901
Problemas Respiratórios	18	64,29	37	66,07	0,871
Problemas Auditivos	10	35,71	27	48,21	0,277
Problemas fonoaudiológicos (Voz)	12	44,44	26	46,03	0,0472

Teste Exato de Fisher e Teste Qui-quadrado

Tabela 3 – Relação entre riscos ocupacionais e problemas de saúde em professores horistas e tempo integral

Risco Ocupacional	n	%	p
Grupo TI			
Voz			
Carregar peso	12	60	0,008*
Osteoarticular			
Indisciplina em sala de aula	9	75	0,049*
Grupo HO			
Osteoarticular			
Supervisão constante	15	45,45	0,017*
Carregar peso com frequência	12	44,44	0,004*
Voz			
Supervisão constante	21	70	0,004*
Local adequado para descanso	14	73,68	0,028*
Emocionais			
Carregar peso com frequência	11	42,31	0,026*
Estresse no trabalho	15	34,88	0,046*
Indisciplina em sala de aula	13	44,83	0,004*
Auditivos			
Interferência dos fatores ambientais na vida pessoal e na saúde	24	61,54	0,003*

 Asterisco = valores de p que mostraram diferença significativa
 Testes Exato de Fisher e Qui-quadrado

Discussão

Os dois grupos de professores participantes desta pesquisa mostraram homogeneidade quanto ao sexo, idade, estado civil, distinguindo-se apenas em relação à escolaridade. Esse achado era esperado porque para ingressar na carreira integral o professor precisa ter titulação mínima

de doutor e também realizar projetos de pesquisa e extensão. Muitos deles integram Programas de Pós-Graduação e orientam alunos de mestrado e doutorado. Dentre os docentes HO, o requisito mínimo para atuar na universidade é o título de mestre, contudo, parte deles detêm o título de doutor, o que vai ao encontro das diretrizes do Ministério da Educação²³ que fomenta a qualificação dos

docentes em qualquer nível de ensino, visando a sua excelência.

A tabela 1 mostra as respostas dos professores em relação aos riscos ocupacionais relativos à organização do trabalho, dos grupos TI e HO. Constatase que o grupo TI mostrou maiores frequências em 11 itens quando comparados ao grupo HO, os quais mostram fatores positivos ou negativos. Mostraram-se positivas as condições de higiene adequada nos banheiros (100%), móveis adequados à altura (96,43%) e ter tempo para desenvolver todas as atividades na universidade (78,57%). Há convergência desse último dado com os resultados de outros estudos^{5,2}, porém com professores da rede municipal de ensino, cujos resultados mostraram que 64% deles confirmaram dispor de tempo suficiente para preparar as aulas. Entre os negativos, ocorrem em ordem decrescente: ritmo de trabalho estressante, levar trabalho para casa, ambos com 96,43%, presença de estresse (85,71%), interferência dos fatores do ambiente de trabalho na vida pessoal ou na saúde (78,57%), carregar peso com frequência e supervisão constante, ambos com 71,43%, esforço físico intenso (46,43%) e considerar seu trabalho repetitivo (39,29%).

Silvério et al²⁰ entrevistaram 27 professores universitários da área da saúde em Santa Catarina para investigar os fatores presentes no ambiente de trabalho e sua influência sobre o processo ensino-aprendizagem assim como a qualidade de vida dos educadores. Os autores constataram que o trabalho docente e qualidade de vida mantêm relação entre si e é positiva quando o ambiente organizacional e as relações entre docentes, alunos, população e coordenação de curso são equilibradas; e que o excesso de horas de trabalho e falta de tempo são fatores estressantes que geram angústia, irritabilidade, fadiga e cansaço mental e, conseqüente baixa imunidade, quadros gripais constantes, além de enxaquecas, crises hipertensivas, estados depressivos e problemas dermatológicos nos professores.

O estudo ora em apresentação mostra pontos comuns com a pesquisa de Silvério et al²⁰ que tange a queixas de estresse pelo ritmo e a necessidade de levar trabalho para casa.

Os horistas mostraram frequências maiores em sete itens em relação ao grupo TI. Entre as variáveis negativas, pode-se destacar indisciplina em sala de aula (56,36%) como comportamento mais frequente ao se considerar aqueles englobados no quesito violência, presente no instrumento utilizado, além

de apenas uma pequena porcentagem dos docentes referir a existência de local adequado para descanso (43,40%).

Pesquisas que abordaram a questão da violência na escola concordam com a alta frequência da indisciplina em sala de aula: uma delas obteve como resultado que 71% das professoras presenciaram cenas de agressão envolvendo alunos², enquanto outra identificou casos de agressão por alunos (74%)⁵. Na universidade, um estudo mostrou que 57,3% dos professores consideraram a relação professor-aluno conflituosa¹⁹. Em outro, com professores universitários da área da saúde, Silvério et al²⁰ descreveram que o processo ensino-aprendizagem também pode ser marcado por estresse, ansiedade e perda de sono, comprometendo a qualidade de vida dos docentes, decorrente de conflitos entre aluno-professor, aluno-coordenação e aluno-aluno. A análise dos resultados da presente pesquisa em relação àquelas com o mesmo tema mostra que, na universidade pesquisada, os comportamentos de violência são bastante restritos, constituindo-se, assim, em um local seguro e tranqüilo para que o professor desempenhe seu trabalho.

Em relação à ausência de local adequado para descanso, os professores do estudo de Leite et al¹⁹ o referiram em frequência bastante expressiva (90,3%), assim como aqueles avaliados por Chávez⁹. Finalmente, outra questão negativa e que ocorre com frequência bastante reduzida foi avaliar o trabalho como monótono (8,93%).

Por outro lado, mostraram-se como positivas haver espaço suficiente para movimentação (96,43%), tamanho das salas adequado ao número de aluno (92,73%), o ambiente de trabalho ser calmo (85,45%) e facilidade para se ausentar da sala de aula (53,85%). Esses dados reiteram aqueles resultantes do estudo de Leite et al¹⁹, o qual observou que, em relação às condições das salas de aula, apenas 33,9% dos docentes consideraram seu tamanho inadequado. Os dois grupos se iguaram quanto a ter bom relacionamento com a equipe de trabalho e ter liberdade para planejar e desenvolver as atividades (100%), ter material adequado (96,43%) e suficiente (92,86%) para a execução do trabalho como aspectos positivos. O bom relacionamento com colegas, alunos e coordenadores mostra-se como um aspecto muito positivo na universidade, pois favorece o processo ensino-aprendizagem e a saúde dos professores, conforme demonstraram Silvério et al²⁰. Outros estudos com professores de

outros níveis de ensino também mostraram como positivos a autonomia docente², assim como a disponibilidade de equipamentos e materiais para o desempenho profissional^{19,6}. A irritação devido a problemas de limpeza foi assinalada como único fator negativo e em porcentagem bastante reduzida (3,57%).

Apesar das porcentagens distintas entre os grupos envolvendo as 23 variáveis relativas à organização do trabalho pesquisadas, não se constatou diferença significativa quando os mesmos foram comparados.

Os dados apresentados anteriormente, envolvendo aspectos positivos e negativos da organização do trabalho docente, indicam que tanto os professores TI quanto HO avaliam o local do trabalho mais positivo do que negativamente, pois dos 23 itens pesquisados, 15 (65,21%) foram assinalados favoráveis ao trabalho docente. Dessa forma, pode-se considerar que, embora alguns aspectos da organização do trabalho possam ser aperfeiçoados, a universidade se constitui em um local bastante saudável e propício ao desenvolvimento do conhecimento.

Os aspectos de saúde dos professores estão indicados na Tabela 2. Da mesma maneira, não foram observados valores que conferisse significância na comparação entre os grupos TI e HO.

Constata-se que no grupo TI são mais frequentes as queixas do trato respiratório (64,24%), seguidas das osteoarticulares (53,57%), gastrintestinais (46,43%) e vocais (44,44%), enquanto no grupo HO evidenciou-se como mais frequentes os problemas respiratórios (66,07%), auditivos (48,21%), vocais (46,03%), gastrintestinais (44,43%) e osteoarticulares (31,48%). Chávez⁹, ao abordar professores chilenos, verificou, diferentemente do presente estudo, frequências menores nas queixas de saúde, ou seja, 32,1% deles reportaram bronquite, 16,6% tendinite, 21,6% síndrome do intestino irritável e 18,6% disfonia.

Em relação aos problemas musculoesqueléticos, as queixas foram, respectivamente, 53,57% e 31,48% para TI e HO, valores abaixo do que aqueles encontrados em outro estudo no qual as doenças desse tipo foram assinaladas por 69,5% dos professores¹⁶. Cardoso et al⁸ encontraram prevalência de 41,1% de professores com manifestação de dores musculoesqueléticas ou sensações dolorosas, dados mais similares àqueles do presente estudo. Como se observa, professores de quaisquer níveis

de ensino apresentam queixas osteoarticulares em frequências altas, cujas causas deveriam ser mais bem pesquisadas.

No que se refere aos aspectos vocais, professores TI e HO mencionam alterações em frequências em torno de 45%, porcentagem similar a outro estudo com professores universitários, que constatou 42,8% de queixas vocais autorreferidas²¹. Quando esses dados são comparados com professores de níveis básicos de ensino, como aquele realizado por Kooijman et al¹², observa-se que a frequência dessa queixa, usualmente é maior.

Quando se comparam as queixas dos dois grupos, mostra-se interessante o fato de ambos assinalarem, em primeiro lugar, problemas respiratórios, com grande discrepância em relação à segunda queixa mais frequente, especialmente no grupo HO. Esse dado é corroborado por um estudo de Chong e Chan¹¹ realizado com professores de Hong Kong em que uma das queixas de saúde mais prevalente foi a do trato respiratório como gripe/resfriado (66,1%). Servilha e Pereira²¹ encontraram prevalência de apenas 19% de relatos de rinite alérgica, problema respiratório em frequência muito menor do que aquela encontrada neste estudo. Simberg et al²⁴ e Sliwiska-Kowalska et al²⁵ também identificaram a presença de distúrbios do trato respiratório relacionando-os com problemas de voz.

Chama a atenção o fato de que, no grupo HO, os sintomas auditivos e vocais são mais frequentes do que no grupo TI, possivelmente porque aqueles ministram aulas somente na graduação em classes numerosas e, geralmente, ruidosas, o que compromete sua audição e também acarreta na utilização mais intensa da voz e sua perturbação. Um estudo na Finlândia que estudou a prevalência de sintomas vocais em professores num período de doze anos observou que o tamanho das salas de aula e a irrequietude dos alunos, assim como o ruído da sala de aula atrapalham o professor, gerando condições desfavoráveis ao desempenho do seu trabalho, podendo prejudicar sua saúde²³. O grande número de alunos também é assinalado como negativo para a saúde e a voz do professor em outro estudo, que teve como objetivo identificar fatores associados com problemas de voz e absenteísmo em professores²⁶. Smolander e Huttunen³ conduziram um estudo visando detectar os fatores de risco para distúrbios vocais e verificaram que gritar ao longo do dia na escola e sentir-se nervoso em momentos de discurso estão relacionados com problemas vocais,

sendo que os fatores de risco mais destacados foram: falar por longos períodos, gritar em ambiente com ruído de fundo, grupos grandes de ensino, má acústica da sala e do ar interior, juntamente com as infecções respiratórias agudas.

Estudos realizados com professores universitários demonstram grau elevado de sofrimento psíquico e emocional devido a fatores negativos da organização do trabalho, sendo destacada a Síndrome do Burnout. Contudo, na presente pesquisa, queixas emocionais e psiquiátricas não foram as mais citadas pelos respondentes. De acordo com a tabela 2, apresentam-se com 29,63% no grupo TI e 28,30% no grupo HO. Esse dado pode ser correlacionado com a análise da tabela 1 em que o local de trabalho foi qualificado positivamente por ambos os grupos, não havendo, dessa forma, interferência dos fatores organizacionais na saúde mental dos docentes.

A tabela 3 mostra a correlação entre riscos ocupacionais e problemas de saúde em professores TI e HO, na qual estão demonstradas as variáveis que se mostraram significantes entre as 11 pesquisadas. Verifica-se que, entre os professores em tempo integral, houve associação positiva entre carregar peso e queixas de voz. A associação positiva entre carregar peso e queixas de voz pode justificar-se pelo sobreforço laríngeo quando se acopla de forma sistemática a função de fonação e mecanismo de apoio, favorecendo a alteração vocal. Essa mesma associação foi encontrada por Ferreira et al⁴ na pesquisa com professores da cidade de São Paulo.

De forma inesperada, obteve-se associação entre indisciplina em sala de aula e queixa osteoarticular. Diante dessa relação, pode-se pensar que, quando há indisciplina em sala de aula e o professor precisa usar a voz em alta intensidade para controle dos alunos, isto pode comprometer a musculatura da região escapular, gerando dores musculares e até articulares. Além do estado de tensão, os docentes mantêm-se em pé para melhor controle dos alunos. Dessa forma, as tensões tanto emocionais quanto corporais podem desencadear queixas osteoarticulares. Para Martinez et al²⁷ o processo do trabalho acadêmico gera mal estar docente que, além do sofrimento psíquico traz alterações psicofísicas como dores e tensões nos ombros e pescoço, úlceras gástricas, hipertensão e perda da voz como as mais frequentes. Por outro lado, cabe lembrar que os professores em tempo integral somaram um total de 28, sendo que apenas

nove deles assinalaram problemas osteoarticulares e indisciplina em sala de aula. Há que se reconhecer que a amostra é reduzida e pode, por isso, ter gerado um viés.

Em relação aos professores HO (Tabela 3), os problemas osteoarticulares foram associados com supervisão constante e carregar peso com frequência, ambos com significância estatística. Carregar peso com frequência favorece a ocorrência de distúrbios desse tipo pela sobrecarga das articulações e musculatura. Fontana e Pinheiro²⁸, cujo estudo trata de condições de saúde auto-referidas de professores, reportaram que as queixas mais citadas foram as dores (lombalgia, artralgia, cefaléia e dor nos membros inferiores) agravadas pelos seguintes fatores: carregar excesso de peso em material didático, trabalhar sob condições ergonomicamente inadequadas e permanecer em pé por longos períodos. Lima e Lima-Filho²⁹ avaliaram as condições de trabalho e saúde do professor universitário e as queixas musculoesqueléticas estavam relacionadas com os longos tempos de permanência em pé, carregar material didático para salas de aulas, responsabilidade pela instalação de recursos audiovisuais, entre outros.

Outra associação ocorreu entre supervisão constante e problemas osteoarticulares e, nessa associação, pode-se inferir que a tensão corporal e conseqüente retesamento muscular podem colaborar para que as queixas osteoarticulares sejam mais frequentes. O mesmo estudo revelou que as doenças ocupacionais mais prevalentes associam-se à sobrecarga ocupacional e, esta por sua vez, está relacionada à sobrecarga nas articulações e postura inadequada. Como na relação entre indisciplina e problemas articulares pontuada na Tabela 3. Mais uma vez, o pequeno número de sujeitos pode ter sido um fator gerador de viés.

Os professores que se queixaram da falta de local para descanso apresentam maior porcentagem de queixas vocais, o mesmo acontecendo com a variável supervisão constante. Essas duas variáveis – indisponibilidade de local para descanso e a cobrança exagerada – colaboram para que o professor não descanse seu corpo e sua voz, e mantenha-se sempre em estado de prontidão na expectativa de ser acionado pelo seu superior, o que gera cansaço e estresse e, conseqüentemente, problemas vocais. Araújo et al³⁰ ao avaliar as condições de trabalho e saúde de professores de uma universidade baiana, ressaltou que o desempenho

das atividades docentes fica comprometido quando uma série de fatores organizacionais inadequados está presentes e dentre eles, a falta de local adequado para descanso/repouso. Além disso, os autores destacam também que essa inadequação do ambiente de trabalho tem repercussões sobre a saúde dos professores.

Os problemas de saúde relacionados à esfera emocional foram os mais frequentes nesse grupo e estão associados ao estresse no trabalho e indisciplina na sala de aula. É notório que a indisciplina em sala de aula resulta em desgaste emocional do professor que se encontra em relação face a face com os alunos. Além disso, outros compromissos do docente podem acarretar estresse no trabalho, chegando muitos autores a ressaltar a prevalência da síndrome de *Burnout* nessa categoria profissional. Sato e Bernardo³¹ avaliaram a persistência dos problemas relacionados à saúde mental e trabalho, e relataram que um ponto importante referente à saúde dos trabalhadores é o fato deles reconhecerem os riscos ocupacionais a que estão sujeitos, mas não encontrarem opção a não ser a submissão a eles. González e Dominguez¹⁵ em um estudo reflexivo com trabalhadores universitários mexicanos desenvolvem a idéia de que o docente não está devidamente preparado para lidar e se adaptar aos conflitos políticos e forças sociais que englobam o ambiente universitário e, além disso, revelam que uma das principais causas de mal estar entre os docentes é o ambiente de trabalho hostil e competitivo. Uma das conseqüências de todo esse processo é a síndrome do *Burnout* que não se limita aos aspectos psicossociais, e abrange problemas posturais, uso excessivo da voz e do computador, problemas circulatórios, entre outros. Outra associação positiva foi carregar peso com frequência e problemas emocionais, o que nesse caso, apesar da falta de proximidade entre esse fator de risco e o problema de saúde, pode-se inferir que os docentes podem ter considerado o carregar peso como mais uma tarefa que compõe sua carga de trabalho, o que pode ser visto como cansativo, estressante e desgastante. Corroborando essa idéia, Cruz et al³² afirmam que o desgaste físico e emocional a que os professores estão submetidos na execução de suas tarefas é importante para desencadear transtornos relacionados ao estresse, como depressões, transtornos de ansiedade, fobias, distúrbios psicossomáticos e a síndrome de *Burnout*.

Finalmente, problemas auditivos foram associados com a interferência dos fatores ambientais na vida pessoal e na saúde. Nessa relação, infere-se que no escopo dos fatores ambientais encontram-se o ruído, além de outros como indisciplina e o excesso de tarefas, que esgotam o professor, interferindo na sua saúde, principalmente, aquela relacionada à audição. Estudos têm mostrado quanto o ruído perturba a audição dos professores cujas queixas incluem intolerância a ruídos e sons, zumbido, diminuição da audição, entre outros²⁴.

Conclusões

No presente estudo, os fatores de risco organizacionais ocorreram em menor frequência que em outras pesquisas relatadas na literatura, podendo-se inferir que o ambiente de trabalho é favorável ao exercício da docência e a produção do conhecimento.

Na relação entre organização de trabalho e queixas de saúde, no grupo TI obtiveram significância estatística carregar peso com alteração vocal e indisciplina em sala de aula com doença osteoarticular. No grupo HO, constataram-se as seguintes associações: 1) supervisão constante e carregar peso com queixa osteoarticular; 2) supervisão constante e local inadequado para descanso com queixa de alteração vocal; 3) carregar peso, estresse no trabalho e indisciplina em sala de aula com queixas emocionais; e 4) interferência dos fatores ambientais na vida pessoal e na saúde com distúrbios auditivos.

Saúde e trabalho, como valores humanos, devem estar associados de forma produtiva e prazerosa e as instituições escolares devem primar pelo aperfeiçoamento progressivo e sistemático das condições de trabalho para favorecer sua missão de produção de conhecimento e desenvolvimento humano.

Referências bibliográficas

1. Alves LA, Robazzi MLCC, Marziale MHP, Felipe ACN, Romano CC. Alterações da saúde e voz do professor, uma questão de saúde do trabalhador. Rev. Latino-am Enfermagem. 2009; 17(4): 566-72.
2. Jardim R, Barreto SM, Assunção AA. Condições de trabalho, qualidade de vida e disфонia entre docentes. Cad Saúde Pública. 2007; 23(10): 2439-2461.

3. Smolander S, Huttunen, K. Voice problems experienced by Finnish comprehensive school teachers and realization of occupational health care. *Logoped Phoniatr Vocol.* 2006; 31: 166-171.
4. Ferreira LP, Giannini SPP, Figueira S, Silva EE, Karmann DF, Souza T MT. Condições de Produção Vocal de Professores da Prefeitura do Município de São Paulo. *Dist Comunic.* 2003; 14(2): 275-291.
5. Gasparini SM, Barreto SM, Assunção AA. Prevalência de transtornos mentais comuns em professores da rede municipal de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. *Cad. Saúde Pública.* 2006; 22(12): 2679-2691.
6. Vedovato TG, Monteiro MI. Perfil sociodemográfico e condição de saúde e trabalho dos professores de nove escolas estaduais paulistas. *Rev. Esc. Enferm. USP* 2008 42 (2): 290-7.
7. Servilha EAM, Ruela IS. Riscos Ocupacionais à saúde de voz dos professores: especificidades das unidades de rede municipal de ensino. *Rev. CEFAC.* 2010; 12 (1): 109-114.
8. Cardoso JP, Ribeiro IQB, Araújo TM, Carvalho FM, Reis EJFB. Prevalence of musculoskeletal pain among teachers. *Rev Bras Epidemiol.* 2009; 12(4): 1-10.
9. Chávez RC. Condiciones de trabajo y bienestar/malestar docente en profesores de enseñanza media de Santiago de Chile. *Edu. Soc.* 2009; 30 (107): 409-426.
10. Batista JBV, Carlotto MS, Coutinho AS, Augusto LGS. Prevalência da Síndrome do Burnout e fatores sociodemográficos e laborais em professores de escolas municipais da cidade de João Pessoa, PB. *Rev. Bras. Epidemiol.* 2010; 13(3): 502-12.
11. Chong EYL, Chan AHS. Subjective Health Complaints of Teachers from Primary and Secondary Schools in Hong Kong. *JOSE.* 2010; 16(1): 23-39.
12. Kooijman PGC, Thomas G, Graamans K, Jong FICRS. Psychosocial Impact of the Teacher's Voice Throughout the Career. *J Voice.* 2007; 21(3): 316-324.
13. Gassull C, Casanova C, Botey Q, Amador M. The Impact of the Reactivity to Stress in Teachers with Voice Problems. *Folia Phoniatr Logop.* 2010; 62: 35-39.
14. Fernandes MH, Rocha VM. Impact of the psychosocial aspects of work on the quality of life of teachers. *Rev Bras Psiquiatr.* 2009; 31(1): 15-20.
15. González ST, Domínguez JFP. El trabajador universitario: entre el malestar y la lucha. *Educ. Soc.* 2009; 30(107): 373-387.
16. Marqueze EC, Moreno CRC. Satisfação no trabalho e capacidade para o trabalho entre docentes universitários. *Psicol. Estud.* 2009; 14(1): 75-82.
17. Araújo TM, Carvalho FM. Condições de Trabalho Docente e Saúde na Bahia: Estudos Epidemiológicos. *Educ. Soc.* 2009; 30(107): 427-449.
18. Sousa IF, Mendonça H. Burnout em professores universitários: impacto de percepção de justiça e comprometimento afetivo. *Psic. Teor. e Pesq.* 2009; 25(4): 499-508.
19. Leite DR, Figueiredo AM, Moura PRS, Sól NAA. Trabalho Docente em Foco: Relação entre as condições de trabalho e adoecimento dos professores da Universidade Federal de Ouro Preto. *Trabalho e Educação.* 2008; 17(3): 71-84.
20. Silvério MR, Patrício ZM, Brodbeck IM, Grosseman S. O ensino na área da saúde e sua repercussão na qualidade de vida docente. *Rev Bras Educação Médica.* 2010; 34(1): 65-73.
21. Servilha EAM, Pereira PM. Condições de trabalho, saúde e voz em professores universitários. *Rev. Ciênc. Méd.* 2008; 17(1): 21-31.
22. Ferreira LP, Giannini SPP, Latorre MRDO, Zenari MS. Distúrbio de voz relacionado ao trabalho: proposta de um instrumento para avaliação de professores. *Dist Comunic.* 2007; 19(1):127-136.
23. Brasil. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em 20 de Julho de 2011.
24. Simberg S, Sala E, Vehmas K, Laine A. Changes in the prevalence of vocal symptoms among teachers during a twelve-year period. *J Voice.* 2005; 19 (1): 95-102
25. Sliwiska-Kowalska M, Niebudek-Bogusz E, Fiszer M, Los-Spychalska T, Kotylo P, Sznurówka-Przygócka B, Modrzewska M. The prevalence and risk factors for occupational voice disorders in teachers. *Folia Phoniatr Logop.* 2006; 58: 85-101.
26. Kooijman PGC, Jong FICRS, Thomas G, Huinck W, Donders R, Graamans K, Schtte HK. Risk factors for voice problems in teachers. *Folia Phoniatr Logop.* 2006; 58: 159-174.
27. Martínez D, Collazo M, Liss M. Dimensiones Del trabajo docente: una propuesta de abordage del malestar y el sufrimiento psiquico de los docentes em la Argentina. *Educ. Soc.* 2009; 30(107): 389-408.
28. Fontana RT, Pinheiro DA. Condições de saúde auto-referidas de professores de uma universidade regional. *Rev Gaúcha Enferm.* 2010; 31(2): 270-6.
29. Lima MFEM, Lima-Filho DO. Condições de trabalho e saúde do/a professor/a universitário/a. *Ciências e Cognição.* 2009; 14(3): 62-82
30. Araújo TM, Sena IP, Viana MA, Araújo EM. Mal-estar docente: avaliação de condições de trabalho e saúde em uma instituição do ensino superior. *Rev Baiana de Saúde Pública.* 2005; 29(1): 6-21
31. Sato L, Bernardo MH. Saúde Mental e trabalho: os problemas que persistem. *Ciência e Saúde Coletiva.* 2005; 10(4): 869-878
32. Cruz RM, Lemos JC, Welter MM, Guiso L. Saúde docente, condições e carga de trabalho. *Revista Electrónica de Investigación y Docencia (REID).* 2010; 4: 147-160.

Recebido em junho/11; aprovado em julho/11.

Endereço para correspondência

Emilse Aparecida Merlin Servilha
Avenida John Boyd Dunlop s/n – Jardim Ipaussurama
Campinas – SP
CEP 13060-904

E-mail: emilsemerservilha@puc-campinas.edu.br